

Cosquial

Paisagem, Tempo e Cultura

Organizadores
Roberto Lobato Corrêa
Zeny Rosendahl

SBD-FFLCH-USP



220595



RIO DE JANEIRO
1998

A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas *

Doris Cageme

SIGNIFICADOS E PAISAGENS

Aos sábados pela manhã não sou, conscientemente, um geógrafo. Como tantas outras pessoas de minha idade e estilo de vida, devo ser encontrado fazendo compras com minha família no meu centro habitual de compras. Não é um lugar muito especial, iluminado artificialmente sob um edifício-garagem, com um conjunto inteiramente previsível de cadeias de lojas – W. H. Smith, Top Shop, Baxters, Boots, Safeway e outras – razoavelmente cheias de famílias de consumidores bem vestidos. A mesma cena pode ser vista em quase toda parte na Inglaterra. Se trocarmos os nomes das lojas, a cena poderia ser típica de qualquer parte da Europa Ocidental ou da América do Norte. Os geógrafos podiam-se interessar pelo lugar porque ele ocupa o espaço imobiliário mais valorizado na cidade; podiam estudar a

* Traduzido de "Geography is everywhere: Culture and symbolism in human landscapes", publicado em *Horizons in Human Geography*, organizado por D. Gregory e R. Walford, Londres, Macmillan, 1989, pp. 118-135. Traduzido por Olívia B. Lima da Silva.

largura das fachadas ou as mercadorias em oferta como parte de um estudo de geografia do varejo ou podiam avaliar seu impacto sobre a morfologia urbana preexistente. Mas eu estou fazendo compras.

Então eu compreendo que outras coisas também estão ocorrendo: pedem-se para contribuir para uma causa que eu não aprovo; viro a esquina e vejo um cristão evangélico idoso distribuindo folhetos. O principal espaço aberto está ocupado por uma vitrine de painéis para melhorar a insolação das casas – ou, em minha opinião, destruir a harmonia visual de minha rua. Ao redor da base de concreto da árvore decorativa, um grupo de adolescentes com cortes de cabelo moicano vividamente coloridos e faixas de tachas no braço olham com desdém os consumidores de meia-idade. Compreendo que devem certamente estar desempregados e que a idade deles torna o lar um ambiente menos confortável: eles ficarão por aqui até que à noite o espaço seja fechado.

O local é, então, altamente complexo, com múltiplos patamares de significados. Certamente planejado para o consumidor e, assim, facilmente acessível para meu estudo geográfico sobre o varejo; não obstante sua geografia se estende bem além dessa perspectiva estreita e restritiva. O local é um lugar simbólico, onde muitas culturas se encontram e talvez entrem em conflito. Mesmo na manhã de sábado ainda sou um geógrafo. A geografia está em toda parte.

Cultura e simbolismo são palavras que hoje não escapam fácil ou freqüentemente das bocas da maioria dos geógrafos humanos da Grã-Bretanha. De modo geral, nos orgulhamos de nossa praticabilidade e relevância realista. Preferi-

mos lidar com objetos tangíveis, empíricos, interpretar o mundo em termos precisos e mensuráveis de necessidades práticas. Desde os anos 60, os geógrafos humanos britânicos tenderam a trabalhar com certas suposições não-explicítas, sobre como deveriam agir acerca da explicação de padrões de ocupação e atividades humanas, suposições que tendem a excluir da consideração a cultura e o símbolo. Estas suposições são:

- Que o mundo físico, o meio ambiente natural é o domínio da geografia física científica. Pode estabelecer limites à conduta humana, mas tais limites são tão amplos que podem tornar penoso qualquer apelo a eles na explicação geográfica humana. Os ecologistas, em vez dos geógrafos, apropriaram-se de questões sobre as relações ambientais. Contudo, espaço e população servem como pontos de partida legítimos para a explicação em geografia humana.
- Que os seres humanos se comportam de maneira racional, razoavelmente previsível, quando vistos em conjunto, para alcançar metas pessoais e sociais que são esmagadoramente práticas. Concorde-se tacitamente que racionalidade significa maximização ou satisfação econômica. Outras motivações são tratadas como "iracionais" e geograficamente interessantes apenas como desvios do modelo.
- Que os geógrafos deveriam buscar um resultado prático ou utilitário de seus estudos. A geografia humana deveria ser "relevante", seus resultados aplicados a uma "situação do mundo real". Os geógrafos humanos mostram forte compromisso moral para melhorar seu mun-

do, uma razão pela qual a geografia humana continua a ser popular em escolas e faculdades. Aparentemente, esta relevância deve ser imediata e direta. Portanto, os geógrafos humanos, certamente na última década, adotaram entusiasticamente como questões de estudo causas socialmente louváveis. Como o redensolvolvimento de áreas centrais urbanas, a conservação de paisagens do passado, a igualdade regional e o desenvolvimento do Terceiro Mundo.

- Que a geografia humana, apesar de seu propósito moral elevado (ou talvez por causa dele), deveria, tanto quanto possível, evitar questões políticas e ideológicas e até filosóficas abertas e litigiosas. Deveria lutar pela objetividade, analisando fatos e assegurando que suas afirmações sejam baseadas firmemente em garantias empíricas.

[Estas suposições não são de modo algum desonrosas. Mas elas realmente acabam excluindo de nossa agenda muito do que a geografia humana poderia estudar potencialmente nos domínios da atividade humana em termos espaciais e suas expressões ambientais.] Além do mais, elas produzem uma profunda contradição. Se nossas intenções são moralmente fundadas e o resultado de nosso trabalho é supostamente de valor para a humanidade, enquanto nossos objetos de pesquisa continuarem exclusivamente empíricos e nossas interpretações da motivação humana resolutamente utilitárias, negamos a nós mesmos uma linguagem para moldar as próprias metas que procuramos, a formação de um mundo humano melhor. Algumas das variadas consequências deste dilema são

trabaladas em outros ensaios do presente livro. "Minha intenção aqui é realçar duas delas.

Em primeiro lugar, perdida na maré de intensa praticabilidade e entre os seixos de fatos demonstráveis está a mágica real da geografia – o sentido de maravilhar-se com o mundo humano, a alegria de ver e refletir sobre o mosaico ricamente variado da vida humana e de compreender a elegância de suas expressões na paisagem humana. Esta é a experiência que ainda faz o *National Geographic* uma das mais populares revistas do mundo. A geografia, afinal de contas, está em toda parte. John Fyles mostra como ela está ali na vida diária. "Uma das tarefas dos geógrafos é mostrar que a geografia existe para ser apreciada. Muito freqüentemente temos sido mais bem-sucedidos em obscurecer em vez de aumentar esse prazer.

Em segundo lugar, o que perdemos também no funcionalismo utilitário de tanta explicação geográfica é o reconhecimento de outras motivações humanas, além daquelas estritamente práticas. Bandas da geografia estão às paixões inconvenientes, às vezes assustadoramente poderosas, motivadoras da ação humana, entre elas as morais, patrióticas, religiosas, sexuais e políticas. Todos sabemos quão fundamentalmente estas motivações influenciam nosso próprio comportamento diário, quanto elas informam nossas repostas a lugares e cenas, incluindo o *shopping center*. Contudo, na geografia humana parecemos inten-

.. Trata-se da coleção *Horizons in human geography*, de onde o presente artigo foi retirado (nota dos organizadores).

... Trata-se de referência a outro artigo contido na coleção *Horizons in human geography* (nota dos organizadores).

Geografia como humana

cionalmente ignorá-las ou negá-las, recusando-nos a explorar como tais paixões encontram expressões nos mundos que criamos e transformamos. Consequentemente, nossa geografia deixa escapar muito do significado contido na paisagem humana, tendendo a reduzi-la a uma impressão imprecisa de forças demográficas e econômicas. A idéia de aplicar à paisagem humana algumas das habilidades interpretativas que dispomos ao estudar um romance, um poema, um filme ou um quadro, de tratá-la como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados, é claramente estranha para nós. Entretanto, isto é o que me proponho explorar, sugerindo maneiras de tratar a geografia como uma *humanidade* e como uma ciência social.

Tal abordagem começou a emergir entre um pequeno número de geógrafos humanos no início dos anos 70.¹ Breves referências ao trabalho deles aparece no fim do presente estudo. Como em todas as mudanças na pesquisa geográfica, esta mudança está relacionada a movimentos sociais mais amplos: protestos contra a exploração ambiental e a poluição, inquietação com o planejamento em megascale e as paisagens anônimas do desenvolvimento urbano, a voz crescente das mulheres organizadas desafiando a dominação da cultura masculina e o fracasso do consenso social e político pós-guerra. Todos tiveram a sua parte em encaminhar a geografia humana para a geografia humanística. Mas a idéia da geografia humana como uma *humanidade* diferente é mais dura ou plenamente desenvolvida. Assim, o que será analisado deve ser visto como uma avaliação pessoal de possibilidades. [Abordarei isto através de uma discussão de três termos – paisagem,

camadas significativas

investimentos sociais

geografia humana → geografia humanística = "humanidade"

98

paisagem / cultura / simbolismo

cultura e simbolismo -- e continuarei com alguns exemplos de interpretação do simbolismo das paisagens culturais.

PAISAGEM

93

A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, com a cultura, com a idéia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com a sua composição. A paisagem, de fato, é uma "maneira de ver", uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma "cena", em uma unidade visual. A palavra surgiu no Renascimento para indicar uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente.² Ao mesmo tempo, a cartografia, a astronomia, a arquitetura, os levantamentos terrestres, a pintura e muitas outras artes e ciências estavam sendo revolucionadas pela aplicação de regras formais matemáticas e geométricas derivadas de Euclides. Acreditava-se que tais regras devoleriam às artes e ciências a sua perfeição clássica. Talvez a mais notável de todas estas "artes mecânicas", do ponto de vista das relações espaciais, tenha sido a invenção da perspectiva linear. A perspectiva nos permite reproduzir em duas dimensões a ilusão realista de um espaço composto racionalmente de três dimensões. Ordem e forma consistentes podem ser impostas intelectual e praticamente ao mundo externo. Não é de espantar que, no mesmo período, a pintura das paisagens tenha aparecido pela primeira vez na Europa como uma expressão popular, acompanhada por uma arte florescente de incluir a paisagem na poesia, representação teatral, jardins e na concepção de parques. Esta também foi a época quando o espaço

terrestre estava sendo mapeado racionalmente nas quadriculas de sofisticadas projeções de mapas, enquanto paisagens humanas racionais estavam sendo construídas nas capitais, como Roma, São Petersburgo e Paris, e impressas nas terras recentemente recuperadas no norte da Itália, Holanda e East Anglia ou nas grandes propriedades rurais inglesas (*enclosed estates*) e sobre a vastidão de territórios coloniais além-mar.

Assim, a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo como uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanicismo são acessíveis à mente humana, assim como ao olho, e agem como guias para os seres humanos em suas ações de alterar e aperfeiçoar o meio ambiente. Neste sentido, paisagem é um conceito complexo de cujas implicações desejo especificar três: (i) um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; (ii) unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente; (iii) a idéia de intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam nosso mundo. Tal intervenção, deve ser ressaltado, não é indiferente, exploradora ou destrutiva, mas uma relação que harmonizaria a vida humana com a ordem ou modelo inerente da própria natureza. Este ponto é crucial, pois, como poderemos ver, até com a mera relação com a representação da paisagem na pintura, poesia ou teatro, os temas mais poderosos são os que abor- dam os laços entre vida humana, amor e sentimento e os ritmos invariáveis do mundo natural: a passagem das estações, o ciclo de nascimento, crescimento, reprodução, envelhecimento, morte, deterioração e renascimento, e o reflexo imagina-

do dos sentimentos e emoções humanas no aspecto das formas naturais.

✱ Assim, paisagem é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de *lugar*, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de *meio ambiente* ou *espaço*, lembra-nos que apenas através da consciência e razão humanas este esquema é conhecido por nós, e apenas através da técnica podemos participar dela como seres humanos. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feitura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda.

CULTURA

Disse acima que paisagem na geografia humana há muito vem sendo associada à cultura. É particularmente assim na geografia humana americana, onde a obra de Carl Sauer originou uma escola de geografia da paisagem, focalizando o papel do homem transformando a face da Terra.³ A ênfase se dava principalmente em relação às tecnologias, por exemplo: o uso do fogo, a domesticação de plantas e animais, a hidráulica, mas também, até certo ponto, em relação à cultura não-material (isto é, crença religiosa, sistemas legais e políticos etc.). A atenção estava focalizada nas sociedades pré-modernas ou em suas evidências na paisagem contemporânea, por exemplo, a evidência na paisagem americana das várias culturas indígenas, africanas e europeias que a formaram.

A geografia cultural nesta tradição concentrou-se nas formas visíveis da paisagem – casas de fazen-

Carl Sauer

Morfologia

da, celeiros, padrões de campos e praças nas cidades – apesar de, na Inglaterra, uma tradição similar ter analisado fenômenos não-visíveis, como o nome de lugares, visando evidenciar influências culturais passadas. A própria cultura foi considerada como um conceito relativamente não-problemático: um conjunto de práticas compartilhadas comuns a um grupo humano em particular, práticas que foram aprendidas e transmitidas através de gerações. A cultura parecia *funcionar através* das pessoas para alcançar fins dos quais elas estavam vagamente cientes. Os críticos chamaram isto de “determinismo cultural” e enfatizaram a necessidade na geografia de uma teoria cultural com mais nuances, particularmente se vamos tratar da paisagem contemporânea e da sofisticada cultura moderna.⁴

Uma geografia cultural renovada procura vencer algumas dessas fraquezas com uma teoria cultural mais forte. Ela ainda consideraria a paisagem como um texto cultural, mas reconhece que os textos têm muitas dimensões, oferecendo a possibilidade de leituras diferentes simultâneas e igualmente válidas. Segue-se um esboço das três principais maneiras pelas quais a geografia cultural moderna move-se teoricamente além das abordagens anteriores.

geografia cultural moderna!
1. Cultura e Consciência

A cultura não é algo que funciona através dos seres humanos, pelo contrário, tem que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana, examinadas no capítulo de Eyles. Uma religião, por exemplo, ou um credo político, só podem sobreviver se as pessoas

texto cultural

11 paisagem como um texto cultural

os praticarem. A maioria de nós falará em voz baixa, respeitosa, ao entrar numa igreja, sem pensar conscientemente porque estamos assim fazendo. Fazemos o mesmo numa galeria de arte e é difícil dizer o motivo. Um morador suburbano pode também não estar ciente disso ao cortar a grama – está mantendo um sinal de propriedade numa paisagem proprietária, tão rotineira se tornou a prática. Se nos pedem para examinar o que estamos fazendo, a maioria de nós acha difícil articular o significado de nossas atividades. Mas, sem tais práticas, expressões culturais como igreja, galeria e grama desapareceriam de nossas paisagens. Transformações na cultura vêm de mudanças, rápidas ou lentas, em sua prática, no ato da reprodução cultural. Mas a cultura é sempre potencialmente capaz de ser trazida ao nível da reflexão consciente e da comunicação. Isto é de fato o que fazemos quando examinamos a expressão cultural ao estudar as humanidades.

* Assim a cultura é, ao mesmo tempo, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas.

CULTURA E NATUREZA

Qualquer intervenção humana na natureza envolve sua transformação em cultura, apesar de essa transformação poder não estar sempre visível, especialmente para um estranho. As diferentes técnicas e materiais de construção de casas de fazendas podem ser indicadores óbvios da paisagem. Tais coisas foram muito estudadas pelos geógrafos. Mas muitas vezes os eventos culturais mais significativos são menos óbvios. O tomate, um objeto natural, é tirado do pé, é cortado e

apresentado como alimento humano. O objeto natural tornou-se objeto cultural, foi-lhe atribuído um significado. O significado cultural é introduzido no objeto e também pode ligá-lo a outros objetos aparentemente não relacionados a ele na natureza. Dizer que o tomate é um produto cultural não significa que suas propriedades naturais estejam perdidas. Sua cor e peso estão inalterados, uma análise clínica produziria os mesmos resultados antes ou depois do evento cultural. Mas foram acrescentados a estas propriedades atributos culturais que podemos identificar e discutir.

Fazer isto exige que entremos na consciência cultural dos outros. Na paisagem, o bosque sagrado ou a fonte sagrada, o local da batalha que fundou ou salvou uma nação são lugares de intenso significado cultural pelos quais os não-iniciados passam. Revelar os significados na paisagem cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira auto-consciente e, então, re-presentar essa paisagem num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos. Uma vantagem que temos ao tratar a paisagem desta maneira é que muitos de seus significados são "naturalmente" encontrados no sentido de que seu ponto de partida é algo comum à nossa experiência na medida em que somos parte da natureza, por exemplo, quando associamos o prado na primavera com o apertamento de vida nova, ou o pomar do outono com melancolia.

CULTURA E PODER

A maioria das pessoas vive em sociedades que são divididas em classe, casa, sexo, idade ou

etnicidade. Tais divisões geralmente correspondem à divisão do trabalho. Obviamente, uma posição diferente na sociedade significa uma experiência e consciência diferentes, até certo ponto uma cultura diferente. O grau de tal diferença varia enormemente. Uma sociedade pode incluir culturas tão radicalmente diferentes que parecem incompatíveis, como as culturas católica e protestante na Irlanda do Norte. Aqui, o poder é contestado entre grupos de força relativamente iguais, reproduzindo suas culturas num alto nível de consciência. Em tais casos, a evidência visível na paisagem de cada um é considerável, apesar de até aqui os grafites, igrejas, vestíbulos de casas e bandeiras serem apenas as expressões mais superficiais de um mundo de significados diferentes na vida cotidiana. A aparência de unidade social só é mantida através da ameaça e exercício de força militar externa. Mais frequentemente estamos lidando com subculturas dentro de uma cultura dominante. Os jogos, a linguagem e os símbolos de um pálio de recreio escolar numa aldeia mineira da região de Durham são diferentes em termos de classe e origem regional daqueles de um recreio similar em Esher, assim como é diferente a idade e a conduta daqueles do clube local de trabalhadores daqueles que frequentam a catedral da cidade de Durham. O Estado, entretanto, como representante de um "interesse nacional", procura introduzir pelo menos os rudimentos de uma cultura comum em cada sala de aula.

Assim, o estudo da cultura está intimamente ligado ao estudo do poder. Um grupo dominante procurará impor sua própria experiência de mundo, suas próprias suposições to-

madas como verdadeiras, com a intenção de válida cultura para todas as pessoas. O poder é expresso e mantido na reprodução da cultura. Isto é melhor concretizado quando é menos visível, quando as suposições culturais do grupo dominante aparecem simplesmente como senso comum. Isto às vezes é chamado de *hegemonia cultural*. Há, portanto, culturas dominantes e subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político (apesar de eu me concentrar nisso) mas também em termos de sexo, idade e etnicidade.¹

A cultura britânica é predominantemente inglesa em termos de área, burguesa em termos de classe, masculina em termos de sexo, branca em termos de cor, de meia-idade e anglicana em termos de religião. Tem uma paisagem característica, observável em todas as escalas, desde o interior das casas ao arranjo de regiões inteiras. É tipificada diariamente nos anúncios da televisão. As culturas subdominantes podem ser divididas não apenas nos termos já indicados, mas também historicamente, como residuais (que sobram do passado), emergentes (que antecipam o futuro) e excluídas (que são ativas ou passivamente suprimidas) como as culturas do crime, drogas ou grupos religiosos marginais. Cada uma destas subculturas encontra alguma expressão na paisagem, mesmo se apenas numa paisagem de fantasia.

SÍMBOLO

¹Para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da "linguagem" empregada.

da: os símbolos e seu significado nessa cultura. Todas as paisagens são simbólicas,⁵ apesar da ligação entre o símbolo e o que ele representa (seu referente) poder parecer muito tênue. Uma peça importante de mármore branco com nomes escritos, com uma cruz em cima e decorado com coroas e bandeiras no centro de uma cidade é um símbolo poderoso de luto nacional pelos soldados mortos, apesar de não haver ligação entre os dois fenômenos fora do código particular da lembrança militar. O lugar de nascimento de uma grande figura nacional pode ser uma casa comum, entretanto, tem significado simbólico enorme para os iniciados.

Muito do simbolismo da paisagem é menos aparente do que qualquer um destes exemplos. Mas ainda serve ao propósito de reproduzir normas culturais e estabelecer os valores de grupos dominantes por toda uma sociedade. Tomemos por exemplo o parque municipal de uma cidade inglesa provincial. Normalmente, ocupa de 10 a 15 acres nos subúrbios vitorianos próximos, acessível a pé a partir do centro da cidade. Cercado por grades pintadas de verde ou preto, ainda mantém sua concepção do século XIX de gramados aparados, caminhos cuidadosamente orlados com herbáceas, canteiros cromáticos de verão e arbustos, talvez um pequeno lago e árvores de folhas deciduas espalhadas. Em um canto, um *playground* para crianças, cuidadosamente cercado.

Quem quer que entre no parque sabe intuitivamente os limites de comportamento, os códigos apropriados de conduta. Em geral, deve-se caminhar ou passear pelos caminhos. Correr é para crianças e a grama é para sentar

ou para piquenique. Os patos podem ser alimentados, mas não se pode remar nem pescar no lago. Não se deve subir nas árvores, nem tocar música, exceto pela banda uniformizada, no coreto. Resumindo, o comportamento deve ser decoroso e contido. Quando estes códigos são transgredidos, e o são, por músicos, pessoas com bicicletas, casais amorosos mais exaltados ou bêbados, então o fato é observado e a censura é claramente registrada pelos que, embora em minoria, têm do seu lado o simbolismo moral de toda a paisagem planejada. Não há necessidade de sinais, apesar de os ilegíveis regulamentos impressos na entrada confirmarem a interpretação dos zeladores autorizados da propriedade.

A despeito das grandes mudanças sociais que ocorreram desde suas origens vitorianas, os códigos de comportamento ainda têm legitimidade no parque porque a própria paisagem, a organização do espaço, a seleção das plantas, o uso das cores e a maneira de manutenção permanecem largamente imutáveis. Transmitem eles um específico conjunto de valores. Se descobrirmos a história desses parques verificaremos que o objetivo explícito de seus criadores era o controle social e moral. Visando melhorar o bem-estar físico e moral da classe trabalhadora (cuja dissolução interromperia os lucros) a classe média vitoriana ativamente desencorajava os passatempos tradicionais: beber em tavernas, brigas de galo, festivais locais ou feiras. Substituíram essas formas de diversão pelos parques públicos, elaborando as regras de conduta de modo mais preciso.⁶ Apesar do passar do tempo, essas áreas características da paisagem urbana inglesa ainda simbolizam os ideais de

decência e da propriedade pertencente à burguesia vitoriana.

* Todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem. O simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e através da representação da paisagem na pintura, poesia e outras artes. Mas pode ser lida nas paisagens rurais e mesmo nas mais aparentemente não-humanizadas paisagens do meio ambiente natural. Estas últimas são, freqüentemente, símbolos poderosos em si mesmas. Considerem, por exemplo, a paisagem polar cujo significado cultural deriva precisamente de sua aparente incontestabilidade pelo homem. Durante o período das grandes expedições polares, na virada dos séculos XIX e XX, a paisagem de gelo, fendas, tempestades de neve, ursos-polares e mares verdes tornou-se um paradigma, o quadro para uma fantasia cultural masculina da classe superior britânica. A morte de Scott, em 1912, transformou um pedaço da Antártica em área "inglesa para sempre". Temas imperiais de heroísmo militar reituando forças de um quadro ambiental hostil e improdutivo que foi revivido em 1982 quando tropas britânicas ocuparam as ilhas do Atlântico Sul durante a guerra das Falklands (Malvinas).

LENDO AS PAISAGENS SIMBÓLICAS

Os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica. Os mé-

todos disponíveis para esta tarefa são rigorosos e exigentes, mas não fundamentalmente esotéricos ou difíceis de apreender. Essencialmente, são os empregados em todas as humanidades. Um requisito é a leitura detalhada do texto, para nós a própria paisagem em todas as suas expressões. Os geógrafos sempre reconheceram, pelo menos oralmente, a centralidade de um profundo e íntimo conhecimento da área em estudo. Os dois principais caminhos para isto são o trabalho de campo e a elaboração e interpretação de mapas. Ao desenvolver tal conhecimento pessoal inevitavelmente é gerada uma resposta altamente individual. É uma resposta, ou respostas, das quais precisamos estar cientes não para antecipá-las na busca de "objetividade", mas, em vez disso, de modo que possam ser refletidas e honestamente reconhecidas nos textos de nossa geografia.

Ao mesmo tempo, buscamos "distância crítica", uma busca desinteressada de evidência e uma apresentação dessa evidência livre de distorção consciente. Chamo de evidência qualquer fonte que possa nos informar os significados contidos na paisagem para os que a fizeram, a alteraram, a mantiveram, a visitaram e assim por diante, e outras que possam desafiar nossas previsões e teorias, exatamente como seu próprio conjunto será informado por essas previsões e teorias. É importante compreender que o que é proposto aqui não pressupõe conhecimento profundo ou especializado, apenas vontade de olhar, de fazer a pergunta inesperada e estar aberto a desafios a suposições tomadas como certas. Muitas vezes são as crianças, menos aculturadas em significados convencionais, que podem ser o

melhor estímulo para recuperar os significados codificados na paisagem.

¶ O tipo de evidência que os geógrafos usam agora para interpretar o simbolismo das paisagens culturais é muito mais amplo do que no passado. Evidência material no campo e outras fontes documentais e cartográficas, orais, de arquivo e outras continuam valiosas. Mas frequentemente encontramos a evidência nos próprios produtos culturais: pinturas, poemas, romances, contos populares, músicas, filmes e canções podem fornecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, expressam e evocam, como fazem fontes convencionais "factuais".⁶ Todas estas fontes apresentam suas próprias vantagens e limitações, cada uma exige técnicas a serem aprendidas para que seja tratada competentemente. Acima de tudo, é essencial uma sensibilidade histórica e contextual por parte do geógrafo. Devemos resistir à tentação de deslocar a paisagem de seu contexto de tempo e espaço, enquanto estivermos cultivando nossa capacidade imaginativa de incorporá-la para vê-la, por assim dizer, por dentro. Finalmente, em tal geografia, a *linguagem* é crucial/Os resultados de nosso estudo são comunicados primeiramente através dos textos que nós mesmos produzimos. O texto de uma interpretação geográfica da paisagem é o meio através do qual transmitimos seu significado simbólico, através dos quais *re-presentamos* esses significados. Inevitavelmente, nossa compreensão é informada por nossos próprios valores, crenças e teorias, mas está apoiada na busca de evidência de acordo com as reconhecidas regras desinteressadas do mundo acadêmico. No ato de representar uma pai-

sagem, palavras escritas e mapas, que são códigos simbólicos, são as principais ferramentas de nosso ofício.

DECODIFICANDO PAISAGENS SIMBÓLICAS: ALGUNS EXEMPLOS

Sugeri anteriormente que, da perspectiva da cultura como poder, poderíamos falar de culturas dominantes, residuais, emergentes e excluídas, cada uma das quais terá um impacto diferente sobre a paisagem humana. Usarei essa tipologia tríplice como estrutura para exemplificar a abordagem da paisagem que uma geografia "humana" deve considerar. Não farei nenhuma reivindicação a favor da abrangência ou validade objetiva da classificação. Serve apenas como um artifício organizador útil.

PAISAGENS DA CULTURA DOMINANTE

Por definição, cultura dominante é a de um grupo com poder sobre outros. Quando falo em poder não quero me referir apenas ao sentido limitado de um grupo executivo ou de governo em particular, mas precisamente ao grupo ou classe cuja dominação sobre outros está baseada objetivamente no controle dos meios de vida: terra, capital, matérias-primas e força de trabalho. No final são eles que determinam, de acordo com seus próprios valores, a alocação do excedente social produzido por toda a comunidade. Seu poder é mantido e reproduzido, até um ponto consideravelmente importante, por sua capacidade de projetar e comunicar, por quaisquer meios disponíveis e através de todos os outros níveis e

7

4

1

4

4

divisões sociais, uma imagem do mundo conso-
ante com sua própria experiência e ter essa ima-
gem aceita como reflexo verdadeiro da realidade
de cada um. Este é o significado da ideologia.

Um exemplo específico: durante os anos que se seguiram imediatamente à Revolução Francesa, houve um receio considerável entre a classe inglesa dominante, ainda influenciada por interesses fundiários, de que os trabalhadores agrícolas ingleses, o maior grupo de trabalhadores, pudessem
ser "contaminados" pelo espírito revolucionário
de liberdade, igualdade e fraternidade. Da perspectiva de um proprietário rural inglês tal resultado seria desastroso para toda a ordem social, porque o equilíbrio harmonioso que lhe convinha acreditar que existia entre todas as classes em seu domínio, governado com justiça, seria destruído e a anarquia tomaria seu lugar. Apareceram todos os tipos de apelo ao patriotismo e às liberdades antigas de pequenos proprietários rurais nascidos livres, bem alimentados, junto com cantaturas de camponeses franceses nascidos, famintos em sua liberdade.

Outra resposta, provavelmente apenas levemente consciente, era a popularidade entre conhecidos da pintura — eles mesmos proprietários de terra e membros da classe governante — de paisagens pintadas mostrando tranquilas cenas rurais com trabalhadores colhendo em abundância ou descansando com suas famílias na porta de casa. Tais cenas, apesar de distantes da realidade rural, eram reconhecidamente inglesas na topografia e socialmente tranquilas e pacíficas. Apenas examinando tais imagens de paisagens em seu contexto podemos começar a descobrir um de seus significados culturais: para a oligarquia

fundária inglesa Deus estava no céu e tudo estava
bem no mundo. Elas também nos indicam uma
das imagens mais duradouras da paisagem ingle-
sa, ainda reproduzida hoje nas paisagens que pro-
curamos conservar nas aldeias pitorescas e cam-
pos bem organizados de feno e trigo, assim como
em nossos postais e pôsteres para turistas.

Em termos de paisagens existentes, naturalmente somos inclinados a ver a expressão mais clara da cultura dominante no centro geográfico do poder. Em sociedades de classe, exatamente como o excedente é concentrado socialmente, assim o é concentrado espacialmente, em casas de campo e seus parques, por exemplo,⁷ mas acima de tudo na cidade. É instrutivo observar quão historicamente consistente tem sido o uso de formas racionais, geométricas, no plano das cidades: sistemas de vias em círculo, quadrado ou em tabuleiro de xadrez são recorrentes. Tal geometria é radicalmente diferente das curvas e ondulações da paisagem natural. Representa a razão humana, o poder do intelecto. A geometria euclidiana como base da forma urbana deve ser encontrada nos planos de cidades gregas, romanas, da Renascença, barrocas e vitorianas, mesmo na paisagem aparentemente benevolente do plano da cidade-jardim de Ebenezer Howard, assim como na forma urbana chinesa, indiana e maia. Paisagens de cidades modernas são igualmente exercícios em geometria aplicada, quer estejamos considerando a Cidade Radiante de Le Corbusier ou os cubos de Manhattan ou a silhueta de edifícios contra o céu de Dallas.

Tomando um exemplo específico deste tema sobre poder e paisagem geométrica, considere-
*

mos a capital dos Estados Unidos da América. Construída em "terra virgem", doada ao governo federal pelos Estados da Virgínia e Maryland e com o nome do primeiro presidente, Washington D. C. ia ser a sede do poder para a primeira nova nação dos tempos modernos e o centro de um território maior que toda a Europa. Em sua Declaração de Independência e na Constituição os fundadores nobres, brancos e europeizados dos Estados Unidos afirmaram sua crença em uma nova e perfeita sociedade e na democracia. Foram os seus ideais culturais que foram celebrados na paisagem planejada de Washington D. C. O arquiteto francês L'Enfant compôs o plano de dois desenhos geométricos simples: o padrão radial ortogonal tradicionalmente adotado pelos monarcas europeus que exerciam poder absoluto, que se irradiava de suas pessoas e de suas cortes e o padrão em tabuleiro de xadrez, infinitamente repetível, que se tornou a base para toda cidade colonial, uma forma democrática e igualitária que não dá a qualquer localização um status privilegiado.

Aqui, inscrita no próprio padrão das ruas da capital da nação, está a resolução americana para o centralismo europeu e o localismo colonial, do federalismo e dos direitos do Estado. Observemos o plano mais atentamente e veremos como ele reproduz 15 nós, um para cada estado da União (13 antigas colônias, mais Kentucky e Tennessee), e como estão localizadas as construções simbólicas centrais. A Casa Branca e o Capitólio, os dois poderes equilibrados do executivo e do legislativo sob a Constituição Americana, ficam no fim de um grande L, em cujo canto surge o monumento a Washington, comemorando o herói-fundador

da Revolução, localizado às margens do rio Potomac, onde se encontram a natureza e a cultura. A Casa Branca e o Capitólio são unidos diretamente pela avenida Pennsylvania, assim chamada devido ao "estado-chave". A paisagem urbana de Washington pode, assim, ser lida como uma declaração da cultura política americana escrita no espaço.

Tais paisagens simbólicas não são apenas afirmações estéticas, formais. Os valores culturais que elas celebram precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado. Em grande parte isto é realizado na vida diária pelo simples reconhecimento dos edifícios, nomes dos lugares, etc. Mas freqüentemente os valores inscritos na paisagem são reforçados por ritual público durante cerimônias maiores ou menores. A cada ano o monarca britânico "abre" o Parlamento, ocasião de ritual elaborado no Palácio de Westminster. Grande parte do ritual é altamente público e utiliza a paisagem de Londres. O monarca, num coche, acompanhado por um cortejo da elite militar e civil, sai do Palácio de Buckingham, desce o Mall e através do Arco do Almirantado – por um portão aberto apenas para a passagem da Coroa – passa pela Trafalgar Square, com seus monumentos às vitórias militares britânicas, seguindo pelo Whitehall para o Parlamento. Assim, a Coroa e o Parlamento são unidos por meio de rota cerimonial, sendo a passagem marcada por um elaborado e impressionante ritual público. Aqui e em outros destes rituais, como o Desfile das Insignias (*Trooping the Colour*), visitas de Estado, casamentos reais e paradas comemorando vitória, o espaço urbano se combina com a tradição (muitas vezes inventada) e referências patrióticas

para celebrar valores "nacionais" e apresentá-los como herança comum de todos os cidadãos. É instrutivo comparar as rotas seguidas por tais eventos culturais oficiais com os seguidos por outros usuários cerimoniais da paisagem urbana: passeatas de sindicatos de classes, protestos antinucleares ou carnaval das Índias Ocidentais, por exemplo. Uma análise similar poderia ser aplicada em escalas diferentes ao plano e uso do espaço em qualquer comunidade, da maior cidade à menor aldeia, com suas localizações simbólicas de memorial de guerra, igreja, praça, saguão da Legião Britânica do clube dos trabalhadores. Cada uma destas paisagens tem seus usos rituais, assim como seu plano simbólico. Examiná-las e decodificá-las nos permite refletir sobre nossos próprios papéis para reproduzir a cultura e a geografia humana de nosso mundo diário.

PAISAGENS ALTERNATIVAS

Por sua natureza, as culturas alternativas são menos visíveis na paisagem do que as dominantes, apesar de que, com uma mudança na escala de observação, pode parecer dominante uma cultura subordinada ou alternativa. Assim, muitas cidades inglesas de hoje têm áreas que são dominadas por grupos étnicos cuja cultura difere marcadamente da cultura branca predominante. Isto pode produzir uma disjunção entre o ambiente formal constituído de áreas residenciais centrais da cidade, construído antes da onda de imigração pós-guerra dos antigos territórios imperiais e ainda tendo os símbolos apropriados daquela época, e os usos informais e novos significados e articulações agora introduzi-

dos numa sociedade plural. O antigo depósito de bondes pode ser uma mesquita, pintura brilhante, ritmos *reggae* e pôsteres evangélicos podem estar presentes em uma rua de residências vitorianas. Mas, por mais dominante localmente que possa ser uma cultura alternativa, ela continua subdominante à cultura nacional oficial. Nesta última escala, dividido as culturas alternativas em residuais, emergentes e excluídas.

→ Residuais – Muitos elementos da paisagem pouco têm de seu significado original. Alguns podem ser desprovidos de qualquer significado, como, por exemplo, as pirâmides de concreto que ainda podem ser encontradas próximo ao litoral britânico, espalhadas sobre terreno plano e parcialmente encobertas – relíquias da proteção simbólica da guerra contra tanques alemães invasores. Os geógrafos há muito têm interesse por paisagens relíquias, usando-as geralmente como pistas para a reconstrução de antigas geografias. Mas, como ocorre com todos os documentos históricos, é difícil recuperar o significado de tais formas para os que as produziram e, na verdade, a interpretação que fazemos deles nos diz tanto sobre nós mesmos e nossas suposições culturais quanto sobre seu significado original.

Um desses casos é Stonehenge. Inteira e inteiramente situado nas terras calcárias do Wiltshire, é um símbolo dominante, não apenas devido a seu tamanho e idade, mas porque seu significado cultural original está longe da expectativa razoável de recuperação. Inigo Jones, um arquiteto do século XVII, acreditava que era a ruína de um teatro romano, desprezando teorias existentes de que teria sido um templo druida ou o ambiente mágico para os feitos do rei Arthur criado pela

Stonehenge

vara de condão de Merlin. Teóricos posteriores sustentaram que era um observatório gigante, um calendário e o foco central de um sistema sagrado cuja influência ainda existe. Cada uma destas interpretações indica o papel dos símbolos da paisagem residual para revelar culturas alternativas contemporâneas.

O elemento residual mais presente na paisagem da Grã-Bretanha é o edifício da igreja medieval. Desde a grande catedral gótica até a torre da igreja da aldeia, quase todo o núcleo de povoamento tem sua igreja antiga, mesmo alterada por acréscimos e renovações posteriores. Em localização, arquitetura e escala as igrejas ainda são poderosas inscrições simbólicas em nossa paisagem e os cemitérios que as cercam descrevem a história cultural de suas comunidades em seu traçado, desenho de pedras de sepulturas, letreiros e inscrições funerárias. Um arco gótico pontuado ainda é reconhecido pelas pessoas menos religiosas como um símbolo sagrado. Entretanto, o papel da igreja na vida inglesa contemporânea não pode, em sentido algum, ser visto como dominante. Na verdade, uma indicação de seu status residual é a dificuldade que têm os arquitetos de encontrar um estilo apropriado para o papel cultural da igreja na vida moderna. Igrejas antigas tornaram-se discotecas e supermercados baratos, enquanto os prédios das novas igrejas parecem discotecas e supermercados baratos. Há muito trabalho interessante a ser realizado sobre paisagens do passado e seus significados contemporâneos, e é um bom ponto de partida sua aparente recriação em museus e parques temáticos.

Emergentes – As culturas emergentes são de muitos tipos, sendo algumas muito transitórias e

com impacto permanente relativamente pequeno sobre a paisagem como, por exemplo, a cultura hippie dos anos 60, com suas comunidades associadas, lojas de alimentos alternativos e pequenas propriedades orgânicas. Contudo, todas têm sua própria geografia e seus próprios sistemas simbólicos. Está na natureza de uma cultura emergente oferecer um desafio à cultura dominante existente, uma visão de futuros alternativos possíveis. Assim, suas paisagens têm muitas vezes um aspecto futurista e utópico, como, por exemplo, as cúpulas geodésicas tão apreciadas pelos moradores de comunidades na América dos anos 70.⁸ Mas precisamente devido a este esforço utópico, as culturas emergentes frequentemente estão expostas em planos – paisagens de papel. Não são, por isso, menos interessantes ou relevantes para o estudo geográfico, porque toda utopia é tanto uma visão ambiental quanto social. Há uma geografia nos livros 1984, *Brave new world* e *Things to come*, assim como em cada livro, quadrinhos ou filme de ficção científica.⁹ Estudar essa geografia nos revela as ligações entre sociedades humanas e ambientes.

Não deveríamos zombar do estudo de geografias imaginativas, nem do uso de paisagens reais para antecipar culturas futuras e relações sociais. A linha do horizonte de Nova York, por exemplo, tem sido usada desde os dias de King Kong e do Super-homem para apresentar uma imagem da sociedade urbana futura e de sua cultura sofisticada, mas precária, vacilando sempre à beira da destruição por poderosas forças do mal. Há também a paisagem do esporte, particularmente do esporte internacional e olímpico, que continua a ser uma visão utópica da harmonia humana, mesmo

que a sua expressão de paisagem tenha sido sub-
vertida, consistentemente pela cultura nacionalis-
ta, de Nuremberg, em 1936, a Los Angeles, em
1984. Símbolos contrastantes de paisagem do
futuro raramente são tão pungentemente justa-
postos como o são nas poucas centenas de jardas
que separam os cinzentos e bem implantados si-
los nucleares e a anarquia doméstica espalhada no
Campo da Paz, em Greenham Common.

Excluídas – Quando este ensaio aparecer im-
presso, uma destas duas paisagens emergentes
pode ter desaparecido. A cultura promovida no
Campo da Paz das mulheres pode ter sido ofici-
almente excluída. Em geral, as mulheres repre-
sentam a maior cultura singular excluída, pelo
menos no que tange ao impacto sobre a paisa-
gem pública. A cultura feminina está evidente-
mente no lar, talvez no jardim doméstico. Mas
o geógrafo tem evitado estudar significativa-
mente a paisagem doméstica. A organização e
o uso do espaço pelas mulheres pressupõem
um conjunto muito diferente de significados
simbólicos que aquele dos homens, e na última
década foram feitos estudos iniciais para reve-
lar o significado das diferenças de sexo na atri-
buição e reprodução do simbolismo na paisa-
gem.¹⁰ Este trabalho tem sido feito sobretudo
pelos antropólogos. A masculinidade e a femi-
nidade da paisagem pública continuam a ser,
e muito, um assunto excluído da investigação
geográfica, simplesmente porque as questões
nunca foram apresentadas.

O mesmo é verdade para outras culturas
excluídas, a não ser um estudo ocasional, ge-
ralmente tratado como de interesse marginal
ou levemente suspeito. Mas a paisagem huma-

na está repleta de símbolos de grupos excluídos
e de seu significado simbólico. O espaço simbó-
lico dos jogos das crianças¹¹ e seu uso imagina-
tivo de lugares-comuns para criar paisagens de
fantasia, o local da caravana cigana, as marcas
deixadas por mendigos para indicar o caráter de
uma vizinha como fonte de caridade, o grafite
das *gangs* de rua, as notícias discretas e indicado-
res de paisagens de grupos variados como *geys*,
maçônicos ou prostitutas, todos estão codifica-
dos na paisagem da vida cotidiana e aguardam
estudos geográficos. É fascinante comparar os
significados oficiais de paisagens do parque pú-
blico discutidos anteriormente com sua geogra-
fia simbólica de várias culturas excluídas.

As paisagens tomadas como verdadeiras de
nossas vidas cotidianas estão cheias de significa-
dos. Grande parte da geografia mais interessante
está em decodificá-las. É tarefa que pode ser
realizada por qualquer pessoa no nível de sofi-
sticação apropriado para elas. Porque a geografia
está em toda parte, reproduzida diariamente por
cada um de nós. A recuperação do significado
em nossas paisagens comuns nos diz muito so-
bre nós mesmos. Uma geografia efetivamente
humana é uma geografia humana crítica e rele-
vante, que pode contribuir para o próprio nú-
cleo de uma educação humanista: melhor conhe-
cimento e compreensão de nós mesmos, dos
outros e do mundo que compartilhamos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas
pelos comentários feitos durante a redação deste
artigo: Isobel Cosgrove, Stephen Daniels, Joanne

Magee, Jane Bateman, Janet Atkin, Michael O'Leary, Penny Smith, Carolynne Specht e David Trotter.

LEITURAS COMPLEMENTARES

Duas importantes coletâneas de ensaios são *Valued environments*, organizado por John R. Gold e Jacqueline Burgess, Londres e Boston, George Allen & Unwin, 1982, e *The interpretation of ordinary landscapes*, organizado por D. Meinig, Oxford, Oxford University Press, 1979.

Apresentei uma discussão teórica e uma série de estudos detalhados com alguma base humanística em Denis Cosgrove, *Social formation and symbolic landscape*, Londres, Groom Helm, 1984. Uma crítica corajosa do humanismo a partir de uma perspectiva um pouco diferente encontra-se em Edward Relph, *Relational landscapes and humanistic geography*, Londres, Groom Helm, 1981, e em S. Daniels – "Arguments for a humanistic geography", em *The future of geography* (Londres, Methuen, 1985).



SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE: GEOGRAFIA TOMBO: 220595	
AQUISIÇÃO: DOAÇÃO /	
ZENY ROSENDAHL	
DATA : 22/04/02	PREÇO: R\$ 20,00

NOTAS

- ¹ Veja-se Denis Cosgrove (org.), "Geography and the humanities". Longborough University of Technology, Department of Geography. *Occasional Paper*, 5, 1982.
- ² D. Cosgrove, "Prospect, perspective and the evolution of the landscape idea. *Trans. Inst. Br. Geogr.*, 10 (1985) pp. 45-62.
- ³ C. O. Sauer, *Agricultural Origins and Dispersals*, Nova York, American Geographical Society, 1952.
- ⁴ P. Jackson, "A Plea for Cultural Geography", *Area*, 12 (1980), pp. 110-113; D. Cosgrove, "Towards a radical cultural geography: Problems for theory". *Antipode*, 15 (1) 1983, pp. 1-11.
- ⁵ A. Rapoport, *The meaning of the built environment*, Londres, Sage, 1982.
- ⁶ D. Meinig (org.), *The interpretation of ordinary landscapes*, Oxford, Oxford University Press, 1979; Hugh Prince, "Landscape through painting". *Geography*, 69 (1984) pp. 3-18.
- ⁷ S. Daniels, "Humphrey repton and the morality of landscape", in J. R. Gold e J. Burgess (orgs.), *Valued environments*, Londres, George Allen & Unwin, 1982, pp. 122-144.
- ⁸ J. E. Vance, "California and the search for the ideal", *Ann. Assoc. Am. Geogr.*, 62 (1972), pp. 185-210.
- ⁹ P. W. Porter e F. E. Lukermann, "The geography of utopia", in D. Lowenthal e M. Bowden (eds.), *Geographies of the mind*, Oxford, Oxford University Press, 1976, pp. 197-223.
- ¹⁰ Shirley Ardener (ed.), *Women and space ground rules and social maps*, Londres, Croom Helm, 1981; "Women and geography study group of the I.B.G.", *Geography, and gender. An introduction to feminist geography*, Londres, Hutchinson, 1984.
- ¹¹ David Sibley, *Outsiders in an urban society*, Oxford, Brasil Blackwell, 1981.

